

MONUMENTO AOS PIONEIROS: UMA HISTÓRIA DE RONDÔNIA CRAVADA EM PEDRAS (1984)

MONUMENT TO THE PIONEERS: A HISTORY OF RONDÔNIA CARVED IN STONES (1984)

Ozonildo Fernandes Oliveira
Marco Antônio Domingues Teixeira

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo apresentar uma obra de arte, erguida na década de 1980, quando se comemorava o recém criado estado de Rondônia e a maioria da população, migrantes, que segundo sua crença da época vieram em busca de terra e por terem que desflorestar suas propriedades mediante muita adversidade ambiental, social e econômica, foram denominados como pioneiros. Esta pesquisa é carregada de significados diversos, pois monumentos são representações sólidas e palpáveis de memórias comuns, que abrangem diferentes dimensões existenciais, culturais, históricas e sociopolíticas. Esse trabalho se propõe a analisar a obra esculpida em concreto, sob a forma de altos relevos e que traz quadros que afirmam a “identidade pioneira” dos colonizadores de Rondônia. É um Monumento Oficial e carregado de informações que fazem parte da história do estado de Rondônia.

Palavras-chave: Monumento; Pioneiros; Rondônia.

ABSTRACT: This work aims to present a work of art, erected in the 1980s, when the newly created state of Rondônia was celebrated and the majority of the population, migrants, who, according to their belief at the time, came in search of land and because they had who deforested their properties through a lot of environmental, social and economic adversity, they were called pioneers. This research is loaded with diverse meanings, as monuments are solid and palpable representations of common memories, which cover different existential, cultural, historical and sociopolitical dimensions. This work aims to analyze the work sculpted in concrete, in the form of high reliefs and which features paintings that affirm the “pioneer identity” of the colonizers of Rondônia. It is an Official Monument and full of information that is part of the history of the state of Rondônia.

Keywords: Monument; Pioneers; Rondônia.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivos apresentar o monumento como arte e como representação, analisando suas imagens, seu lugar de disposição e, como ele deveria ser, antes de tudo uma informação prévia ao viajante e aos usuários da rodovia BR 364, na área em que se adentra, ainda hoje, parte importante e central do espaço urbano de Porto Velho. Os métodos que serão utilizados nesta pesquisa iniciam-se com a revisão bibliográfica, documental e iconográfica¹.

¹ As concepções sobre a iconografia e baseado nos estudos de (Panofsky, 1986).

De acordo com Fonseca (2002) a pesquisa bibliográfica é feita a partir de levantamento de obras já analisadas e publicadas por vários meios, desde livros a artigos científicos, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de colher informações para o problema a qual deseje resposta. A pesquisa documental segue os mesmos rumos da pesquisa bibliográfica, a diferença é que a pesquisa bibliográfica é feita por materiais já elaborados, enquanto a documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico (Fonseca, 2002).

Os documentos são, atualmente, vistos de forma diferenciada em relação ao que se descrevia como material documental há meio século atrás. Hoje admitem-se que documentos podem ser mais do que textos escritos e não publicados, mas abrangem obras de arte, fotografias, narrativas, oralidades, paisagens antropizadas ou naturais. A própria pesquisa iconográfica demonstra a mudança no conceito e no trato com a documentação.

Este trabalho está dividido em duas seções primordiais, a primeira seção relata as fases de idealização do monumento aos pioneiros desde a inauguração do mesmo no período dos anos de 1980, o descaso que acontece no período de mudanças da praça na qual o monumento estava instalado e depois é retirado para a construção dos viadutos de tráfego até realocação do monumento e a atualidade. Na segunda seção, apresento a leitura de significação de cada painel e gravura nele presente através de obras de história regional de Rondônia. Em todas as seções paira o meu problema de pesquisa: por que esse monumento de entrada denominado “Monumento aos pioneiros” foi tão importante na época e hoje jaz no esquecimento? As interrogações são muitas, as explicações ainda aguardam um bom estudo teórico e prático; mas é notável, a sobrevida do descaso e do abandono daquilo que convencionou-se chamar de monumentos em Rondônia.

Le Goff (1990) ele relaciona que o monumento tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos.

O MONUMENTO AOS PIONEIROS, DE SUA INAUGURAÇÃO A REALOCAÇÃO

Patrimônio tem sido um termo controverso na atual sociedade, que entende as obras de artes, localizadas em áreas públicas de diversos espaços, como representações que devem inspirar reflexões sobre a existência da própria sociedade, de seus heróis, fundadores e grandes personalidades, além de estruturas arquitetônicas e outras obras de arte.

A palavra patrimônio estava ligada originalmente às estruturas familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade e, com o passar do tempo, foi requalificada, recebendo adjetivos diversos como genético, natural e histórico. A própria noção de patrimônio, juntamente com a ideia de monumento e de preservação, só começa a ser elaborada a partir do momento em que se começa a estudar e a se conservar um edifício pelo seu caráter de testemunho da história e/ou uma obra de arte (Choay, 2006).

No dia 13 de setembro de 1984, foi o momento de inauguração de uma obra que foi projetada com a parceria do Governo Federal e Estadual. Que foi a inauguração da pavimentação da BR-364 e seu trevo de acesso, onde neste trevo era uma praça, e o povo e as autoridades presentes prestigiaram não só a inauguração da pavimentação da BR, mas também a inauguração do monumento aos pioneiros.

Figura 01: Imagem do Jornal Alto Madeira de 11, de setembro 1984 / N°. 15,464.



Fonte: (Arquivo pessoal de OLIVEIRA, O.F., 2015).

Na (figura 01) percebemos que, a realização do evento era muito importante tanto pela festa do asfalto quanto ao monumento estampada na capa do Jornal em destaque dias antes de sua inauguração. O monumento aos pioneiros foi projetado pela arquiteta Hέλvia Reis, feito em cimento aparente em alto e baixo relevo, com técnica denominada afresco, executada pelo artesão cearense mestre Athayde. No dia da inauguração aproximadamente 20 mil pessoas se fizeram presente ao trevo dos pioneiros juntos com as autoridades da época, o presidente da república João Batista Figueiredo, governador Jorge Teixeira de Oliveira e o prefeito Sebastião Valladares (Alto Madeira, 1984).

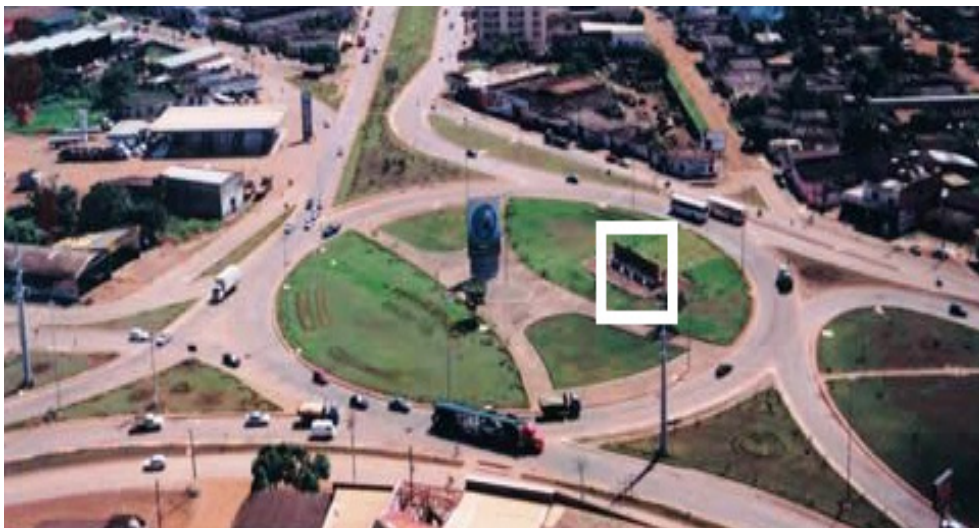
Figura 02: Inauguração do monumento aos pioneiros por autoridades e população.



Fonte: (BORZACOV, 2007, p. 203).

Na (figura 02) estão presentes as autoridades e ao mesmo tempo o público para a inauguração do monumento que iria ficar gravado a história daqueles que se dizem terem construído o estado de Rondônia. Segundo Hέλvia Reis ela relata a sua ideia e projeção referente ao “monumento aos pioneiros”, quando eu idealizei esse mural eu tive como objetivo primordial em homenagear a todos aqueles que chegaram aqui em épocas difíceis, quando não havia estradas, não havia comunicação com o resto do Brasil, deram seu suor, seu sangue e suas lágrimas por essa terra (Alto Madeira, 1984).

Figura 03: O trevo do Roque, onde ficava o Monumento aos Pioneiros. Hoje inexistente



Fonte: <https://www.banzeiros.com.br/2008/10/09/trevo-do-roque-vspera-da-discrdia/>

Baseado na temática sobre o patrimônio, Cruvinel (2016) cita mais sobre a temática aqui a ser discutida.

Utilizando o conhecimento de patrimônio já estudado desde a Antiguidade Clássica, pesquisadores europeus começaram, no final do século XVII, a conceituar e a diferenciar monumentos e monumentos históricos, tendo em vista a ampliação do conceito. Sua trajetória ao longo dos últimos séculos foi

marcada por uma ressignificação do valor de uso, em grande parte estabelecida pelo interesse em discutir marcos e vestígios de outras épocas, ligando-se, ainda, aos preceitos de história e arte. Novos valores foram atribuídos e as discussões sobre conservação e preservação ampliaram o conceito dos objetos em questão. A gestão do patrimônio foi concebida nos séculos XIX e XX e ganha, hoje, importância nas discussões teóricas e práticas, tendo em vista a constante alteração dos espaços ocupados por eles, em decorrência das alterações urbanísticas nas cidades. Momento oportuno para instaurar-se uma pesquisa acerca dessa problemática, que, entendidos como símbolos para a posteridade, enfrentam, contemporaneamente, uma transição da sua gênese eterna para uma condição efêmera. (Cruvinel, 2016, p. 31-32).

Depois do monumento concebido através de sua inauguração a imagem (figura 03) mostra à praça que seria o trevo de acesso a cidade de Porto Velho e onde está o quadrado branco em destaque é onde estaria localizado o monumento aos pioneiros, até que em 2009 com a gestão do prefeito Roberto Sobrinho o local foi deformado e transformado num viaduto para facilitação de tráfegos veiculares pois a cidade de Porto Velho já estaria mais ampliada neste local os fluxos de acidentes entre veículos automotores eram constantes. Sendo assim o monumento sumiu por um tempo.

Figura 04: O monumento jogado ao mato.



Fonte: <https://painelpolitico.com/monumento-dos-pioneiros-que-ficava-no-trevo-do-roque-esta-jogado-no-mato/>

Na (figura 04) representa o descaso pela autoridade pública referente ao que representa e transmite uma História. De acordo com Alex (2014) a gestão dizia que estava tudo guardado em boas condições, mais analisando estas condições de guarda observamos o quanto o poder público está preocupado com as ocasiões patrimoniais. De acordo com Pacheco (2017) ele usa o termo “política do precário”, baseado pelo sentido do trabalho de João Cezar de Castro Rocha, no caso uma política de preservação que destrói a origem e ao mesmo tempo despreza e abandona o patrimônio histórico. (Pacheco, 2017, p. 02).

O monumento ele foi revitalizado e instalado no espaço alternativo, perto ao Aeroporto Internacional Jorge Teixeira de Porto Velho (Rondoniagora, 2015). Abaixo (figura 05) está, a imagem, da atualidade que continua se encaixando na ideia que Pacheco (2017) explana sobre a política do precário, um monumento instalado, mas descaracterizado pintado de cal sendo que sua forma de origem era cor concreto, na qual você leitor irá perceber nas imagens adiante do artigo aqui proposto.

Figura 05: O monumento descaracterizado a base de cal.



Fonte: (Arquivo pessoal OLIVEIRA.O.F., 2020).

Ainda citando Cruvinel (2016), é necessário que a discussão sobre Patrimônio e sua versão histórica, passem por revisão.

A premissa básica para compreendermos a conservação dos monumentos recai sobre a questão dos valores que lhes são atribuídos ao longo do tempo. Partindo do pressuposto de que um ou mais valores devem atuar como justificativa para a sua conservação, é preciso analisar quais são aqueles agregados no cenário contemporâneo, para que ocorra ou não o ato de se conservar tais objetos. O choque entre os valores também deve ser discutido, pois a prevalência de um sobre o outro pode determinar sua trajetória, levando-se em consideração, também, que determinados conceitos/gostos são definidos e estabelecidos em diferentes épocas. Não se pode esquecer, ainda, que o monumento associado à transmissão da memória em seu sentido original deve ser avaliado no contexto atual para entender-se os processos pelos quais eles passaram. (2016, p 50).

MONUMENTO AOS PIONEIROS: UMA HISTÓRIA DE RONDÔNIA

Segundo Choay em sua concepção sobre monumento ela relata que “monumento tem por finalidade fazer reviver um passado mergulhado no tempo. O monumento histórico relaciona-se de forma diferente com a memória viva e com a duração” (Choay, 2006, p. 26). E ainda mais “a imagem se põe a serviço de um método comparativo que lhes permite estabelecer séries tipológicas, as vezes até sequências cronológicas e realizar, assim, uma espécie de história natural das produções humanas” (Choay, 2006, p. 78).

Figura 06: Imagem 1 do monumento aos pioneiros.



Fonte: (Arquivo pessoal de OLIVEIRA, O.F., 2015).

Na (figura 06), tem na representação cinco pessoas, sendo três no meio e duas dividindo um a cada canto da imagem entre as árvores, os do meio usando chapéus, um deles segurando uma espécie de terçado e uma arma abaixo de seu braço, árvores e folhas diferentes especificando a diversidade de plantas. Esta gravura está destinada a representar a bandeira de Antônio Raposo Tavares, e analisando a imagem é interessante, pois podemos ter ou tentar imaginar as dificuldades que o próprio homem tinha em adentrar o sertão, o local desconhecido e os dois homens que estão nos cantos da gravura entre as árvores, representa índios, que podem ter dois significados, primeiro a dificuldade que o próprio bandeirante teria de ataques indígenas ao adentrar o sertão e ao mesmo tempo a função do bandeirante na captura de índios para torná-los escravos.

Desde antes da primeira metade do século XVII os bandeirantes paulistas ultrapassaram a linha de Tordesilhas. A mais famosa dessas expedições foi a de Raposo Tavares, que partindo de São Paulo em 1648 terminou em Belém do Pará em 1651[...]. Incontestável é que Raposo Tavares partiu para saquear as missões religiosas dos espanhóis e capturar escravos indígenas. (Fonseca, 2016, p.42).

E Fonseca ressalta mais sobre as bandeiras, inclusive a de Raposo Tavares especificando suas ações:

É possível admitir, contudo, que as entradas foram responsáveis pelo reconhecimento desse território, fator importantíssimo para as renegociações de fronteiras. Também é admissível que todas as bandeiras de preação, assim também a bandeira de Raposo Tavares, não foram responsáveis diretas pelo povoamento da fronteira lusitana a oeste de Tordesilhas. Isto porque depois de atacar as aldeias indígenas ou as missões religiosas, ou ambas, os bandeirantes retornavam para leste daquela linha. Eram apenas expedições de saques que

não consolidavam população de súditos portugueses em território espanhol [...]. (Fonseca, 2016, p.42-43).

De acordo com Silva (1991) os bandeirantes nunca pretenderam, porém, fixar-se à terra ou nela produzir riquezas, mas somente iam em busca de enriquecimento.

Segundo essa história predominante foram os bandeirantes paulistas que conquistaram nossas fronteiras para oeste da linha de Tordesilhas, tanto para prear indígenas e escraviza-los como para explorar as riquezas minerais ali descobertas (Fonseca, 2016, p.46).

Segundo Silva (1991) embora afirme-se que os espanhóis conheciam o rio madeira em pleno século XVI, o mesmo, afirma que em seu trabalho ele demonstra em preservar os interesse lusitanos na qual preserva os domínios nacionais daquela região, como de fato aconteceu com a passagem de Raposo Tavares, por isso sua bandeira se torna tão conhecida, embora glorificado, suas ações pareça mais para vilão do que de herói, católico, que invadia aldeias e espancava padres, matava e saqueava missões, preava índios e naqueles idos da primeira metade do século XVII. Mesmo assim seus feitos foram reconhecidos por todos, na qual servem como referência aos debates de problemas fronteiriços, dos quais a vertente portuguesa acabou prevalecendo.

Figura 07: Imagem 2 do monumento aos pioneiros.



Fonte: (Arquivo pessoal de OLIVEIRA, O. F., 2015).

A (figura 07) em sua representação aparece árvores, três homens dois barbudos e um não, um deles segurando algo parecido com um desenho parecido com o que há em frente deles. Esta gravura está destinada ao período de construção do Real Forte Príncipe da Beira. Forte construído em plena selva, a beira do rio Guaporé.

O Real Forte Príncipe da Beira é uma obra monumental que está no município de Costa Marques em Rondônia hoje na atualidade. Mais esta obra foi construída em mea-

dos 1775 a 1783. De acordo com Barroso em seu trabalho sobre o Real Forte Príncipe da Beira (2015):

O Real Forte Príncipe da Beira foi criado com o propósito de evitar o contrabando do ouro, assegurar a vigilância dos rios que davam passagens para a Capitania de Mato Grosso, assim como, de intimidar as invasões por espanhóis naquela fronteira, como o que ocorreu anteriormente, no governo de Rolim de Moura, quando os espanhóis haviam construído a missão de Santa Rosa no lado direito do Guaporé, pertencente aos portugueses a partir do Tratado de Madri 1750 (Barroso, 2015, p. 29).

Analisando mais a imagem destinada ao Forte Príncipe da Beira no meio os três homens representam a mão de obra que o forte teve. Conforme Barroso (2015) há mão de obra especializada de brancos e escravos, qualificação e instrução da mão-de-obra indígena e a participação de trabalhadores livres, em meio às limitações enfrentadas no transporte de materiais, escassez de matéria-prima e doenças tropicais como a malária, a qual assolou a maioria dos trabalhadores, inclusive Sambuceti.

Sambuceti acometido de malária morreria em 1781 para sua chefia nas obras do forte príncipe da beira foi designado o militar português, coronel de engenheiros Ricardo Franco de Almeida Serra, responsável pela entrega final das obras, apesar de não estar completamente concluída, no ano 1783 (Matias, 2013).

O Real Forte Príncipe da Beira construído a margem direita do rio Guaporé não cumpriria sua finalidade guerreira, tendo em vista o tratado de Santo Idelfonso, em 1777 entre Portugal e Espanha e ficou conhecido como “a paz de Idelfonso” selando a paz entre os dois países, desse modo tornou-se desimportante o investimento em suas obras. Que mais adiante passou a funcionar como presídio em plena floresta (Matias, 2013).

Segundo Oliveira (2012) a função do forte se perdera no tempo por um período aproximadamente cem anos a região ficou abandonada. O Real Forte Príncipe da Beira foi redescoberto no início do século XX pelo General Rondon que, a posteriori, solicitou que abrigasse o Sétimo Pelotão de Fronteira. Em 1937 ocorreu seu tombamento como Patrimônio Histórico Brasileiro e hoje na atualidade suas ruínas servem como meios turísticos para a região, e os cuidados a frente estão o Exército Brasileiro.

Figura 08: Imagem 3 do monumento aos pioneiros.



Fonte: (Arquivo pessoal de OLIVEIRA, O. F., 2015).

Na (figura 08) aparece como representação um trem sobre trilhos, plantas diversas, um casal acenando como se fosse uma partida de uma viagem e um homem barbudo com uma enxada. Esta imagem está representando o período de construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré. A Bolívia buscava uma alternativa para o escoamento de produção para países compradores, pois a mesma havia perdido sua rota marítima da costa do pacífico para o Chile então foi acordado a construção da ferrovia para superar os trechos encachoeirados de Guajará-Mirim e Santo Antônio (Teixeira; Fonseca, 2001).

A primeira fase da construção da ferrovia foi sobre o comando de George Earl Church que contratou duas empreiteiras a Public Works Constrution Company em 1872 e logo subsequente P & T Collins em 1878 as duas foram fracasso na construção da ferrovia, por consequência das doenças tropicais e ataque de índios etc. essas primeiras tentativas tiveram como início na região de Santo Antônio que era o primeiro ponto de partida da Ferrovia Madeira Mamoré e em 1879 o governo imperial do brasil decidiu encerrar a concessão com Church e suspender as obras da ferrovia (Matias, 2013).

Na segunda fase da construção da Ferrovia Madeira Mamoré os serviços só seriam retomados após o Tratado de Petrópolis em 1903, sobre o controle de Percival Farquhar que é o mesmo que funda a empresa The Madeira Mamoré Railway Company Limited, a construção definitiva da Estrada de Ferro Madeira Mamoré vai de 1907 a 1912, na qual ela vai de Porto Velho a Guajará Mirim interligando rio Mamoré, Madeira aos portos de Manaus e Belém facilitando as exportações e importações do noroeste boliviano (Matias, 2013).

Segundo Borzacov (2007) Porto Velho era um centro de imigração nesse período analisando as duas fases da construção da ferrovia sua população era formada por brasileiros do Pará, Maranhão, Piauí, Ceará e de estrangeiros. Havia de tudo: Barbadianos, norte-americanos, bolivianos, peruanos, árabes, turcos, inglese, chineses, hindu e etc.

dentre esses bem poucos amazonenses. “Recriando na Amazônia o mito Bíblico de uma nova babel do imperialismo” (Teixeira; Fonseca, 2001, p. 140)

De acordo com Oliveira (2012) a construção da Ferrovia Madeira Mamoré ficou marcada pelos sofrimentos dos operários com doenças tropicais e mortes. Logo após terminada a ferrovia, a formação de seringais no continente asiático, plantados com mudas de seringueiras originárias e contrabandeadas do Brasil, ocorre a desvalorização do preço do látex no mercado internacional. Com a queda comercial, a região é abandonada e a empresa da ferrovia que a partir de 1912 executava os transportes de produtos e passageiros entre porto velho a Guajará-Mirim, foi a falência e teve seu contrato rescindido passando a ser administrada por um interventor do governo brasileiro, pois afinal era ela que mantinha o abastecimento da região do Alto Madeira.

Oliveira (op. cit.) apesar do fracasso comercial através da ferrovia se originou a cidade de Porto Velho e Guajará-mirim, o marco de início de desenvolvimento da bacia do rio Madeira, assim contribuindo para o povoamento de uma região deserta, inóspita e doentia. Na primeira metade do século XX, em plena selva amazônica na margem direita dos rios Madeira e Mamoré, trafegavam as famosas marias fumaças transportando pessoas, borracha e mercadorias.

Figura 09: Imagem 4 do monumento aos pioneiros.



Fonte: (Arquivo pessoal de OLIVEIRA, O. F., 2015).

Na (figura 09) tem como representação árvores, três pessoas levantando uma espécie de tronco, a pessoa do meio da imagem de chapéu puxando uma espécie de fio ou corda em sua cabeça vem uns postes em sequência com esta corda ou fio e no canto da imagem na qual as folhas reais atrapalham existe outra pessoa segurando também o fio ou corda, uma picareta e pedras. Esta imagem está representando a comissão Rondon na instalação de linhas telegráficas.

Não havia estradas, mas caminhos entre povoados, as comunicações provindas do Norte, somente por vias fluviais, através de vapores gaiolas ou em lanchas entre Belém e Santo Antônio do Rio Madeira, com Candido Mariano da Silva Rondon, foi criado em

1907 pelo presidente Afonso Pena uma comissão construtora de linhas telegráficas para efetuar a ligação entre Cuiabá e Santo Antônio do Rio Madeira, ponto inicial da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, na qual Rondon estava chefe desta comissão. E o governo federal tinha como propósito unir por linhas telegráficas o Sul ao Norte do país através do Oeste (Pinto, 1993).

Construída essa linha, o sistema de comunicação nacional estaria mais adiantado, pois de Santo Antônio do Rio Madeira a Manaus estava sendo instalada uma estação telegráfica sem fio. Por iniciativa da empresa Amazon Telegraph Company já existia entre Manaus e Belém, desde 1896, telegrafo por cabo submerso. O plano, porém, só estaria concluído com a construção de ramais telegráficos até o Acre, Alto Purus e Alto Juruá, em conexão com a estação central de Cuiabá (Pinto, 1993, p. 115).

Além das linhas telegráficas e serviços afins, essa comissão também ficou encarregada de efetuar levantamento geográfico, botânico, zoológico, geológico, etnológico e antropológico, de se verificar a situação das tribos indígenas naquele sertão. Esta comissão passou a ser reconhecida com “Comissão Rondon” (Pinto, 1993).

Paralelamente a construção de ferrovias, o telegrafo deveria ser instrumento de modernidade, capaz de assegurar a chegada do progresso e de estabelecer a civilização nos confins mais isolados do país. Desta forma assegurava-se o estabelecimento de núcleos de povoamento, garantia-se a segurança das fronteiras e procedia-se uma política que possibilitaria, ao longo do tempo, a integração dos indígenas e tapuios à sociedade brasileira, tornando-os “civilizados e uteis” (Teixeira; Fonseca, 2002, p.146).

Rondon depois de ter passado pela cachoeira de Samuel e ter chegado ao porto da velha povoação de Santo Antônio, sobre a barranca da margem direita do rio Madeira, o mesmo relata não ter lembrança de jamais ter visto outro povoado de aspecto tão feio e tristonho. Constituída de uma povoação de pessoas aventureiras, vindas de outras partes do mundo, cheia de vícios, alcoólatras, parece ter querido erigir em padrão de glória o desprezo pela higiene e o asseio (Pinto, 1993).

Os trabalhos realizados pela comissão Rondon tinham uma natureza braçal e de ritmo, ordem e disciplinas militares. Os trabalhadores eram formados por civis e militares, grande parcela desse contingente era arregimentado de forma violenta, foi o caso dos marinheiros envolvidos na revolta da chibata em 1910, colocados pelo capitão Matos Costa para servir nos trabalhos da linha telegráfica. A coerção e a violência física eram utilizadas para evitar fugas e manter em ritmo acelerado os trabalhos feitos pela comissão (Teixeira; Fonseca, 2001).

Referente a violência Silva (2001) em seu livro *Da chibata ao inferno*, que homens do navio Satélite foram trabalhar na construção das linhas telegráficas, de Cárcere, no Mato Grosso a Santo Antônio do Madeira, o mesmo relata uma situação de transtorno:

Já no primeiro dia no transporte daqueles homens para o acampamento fora fuzilado abruptamente um daqueles homens e segundo o médico Belfort, os

oficiais decidiram que, aqueles martírios acontecidos ou por acontecer seriam relatados como causa mortis a malária; na verdade, em nenhum relatório do Cel. Rondon, consta qualquer fuzilamento (Silva, 2001, p. 87-88).

Os trabalhos foram realizados durante os anos de 1907- 1915 foram construídos 2270km de linhas telegráficas com um total de 28 estações, a importância da obra foi de tamanha grandeza, pois fixou núcleos de povoadamentos na região como: Vilhena, Pimenta Bueno e Jarú que depois viria a ser Rondônia (Teixeira; Fonseca, 2001).

Figura 10: Imagem 5 do monumento aos pioneiros.



Fonte: (Arquivo pessoal de OLIVEIRA, O. F., 2015).

A (figura 10) tem como representação árvores, uma cabana com uma chaleira, um animal saindo dentre a arvore parecendo uma especie de porco e cinco pessoas, três com chapéus ao fundo e os dois mais destacáveis na frente um cortando a arvores e outro sentado num caixote. Esta imagem esta representando os soldados da borracha no segundo ciclo da borracha. Na imagem é visível nas figuras as tecnicas desde a extração e defumação da borracha.

No primeiro ciclo da borracha, a borracha perdeu preço para a produção da Malásia. Os seringais caíram no abandono e a riqueza desapareceu, os seringueiros abandonavam suas colocações em busca de outras atividades para sobrevivencia. Essa situação iria ate os anos de 1940 (Teixeira; Fonseca, 2001).

Com a crise de 1929 e a depressão da economia capitalista mundial teve consequências desastrosas para as exportações brasileiras, no setor gomífero essa nova realidade se traduziu num descaso do governo federal pela atividade extrativista amazônica, ao lado de um crescente interesse pelo desenvolvimeto da industria de artefatos de borracha no País (Pinto, 1984).

No periodo de 1939-1945, explode a segunda guerra mundial, a malasia é ocupada por tropas japonesas, o que inviabilizou a extração do látex para abastecer os países

aliados. Com isso em 1942 foi assinado “Os Acordos de Washington” (Pinto, 1984, p. 94), “cujo objetivo era organizar a produção do latex brasileiro” (Oliveira, 2012, p. 29). Segundo Matias (2013) a Amazônia foi transformada em uma zona de guerra, para a produção emergencial da borracha silvestre.

No período de Getúlio Vargas se abriu inscrições para o alistamento militar para um novo exército, o da extração do látex, esses novos militares oriundos do nordeste brasileiro que vieram para os seringais amazônicos ficaram conhecidos como “Soldados da Borracha” (Oliveira, 2012).

De acordo com Matias (2013) ele destaca bem sobre a mão de obra e divisão. Que de um lado os soldados da Borracha, jovens em sua maioria nordestinos na faixa etária de 18 a 25 anos, solteiros, recrutados pelo exército, mais lançados para trabalhar nos seringais amazônicos. De outro lado os Arigós também nordestinos, mas não inseridos no recrutamento militar com idade superior a 25 anos, destinados aos mesmos seringais no entanto não eram soldados da borracha na medida que integravam o segmento voluntário de ir para Amazônia.

Segundo Matias (op. cit.) nesse período visando controlar e agilizar a produção na Amazônia, o governo norte-americano em convênio com governo do Brasil criou o BCB/ Banco de Crédito da Borracha, mais tarde nacionalizado se transformando no BASA/ Banco da Amazônia s/a.,

Outros órgãos foram implantados no período do Segundo Ciclo da Borracha, a exemplo do Serviço de Abastecimento do Vale Amazônico, SAVA, encarregado do fornecimento de viveres para os seringais. O Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para o Vale Amazônico, SEMTA, que fazia o recrutamento dos Soldados da Borracha, e a Comissão Administrativa de encaminhamento de Trabalhadores para Amazônia, CAETA, que procedia a inscrição e encaminhava outros segmentos, nordestinos ou de outras regiões para os seringais (Matias, 2013, p. 34-35).

Em 1943 foi criado o Território Federal do Guaporé e após o Fim da Segunda Guerra Mundial, se encerra o Segundo Ciclo da Borracha.

Figura 11: Imagem 6 do monumento aos pioneiros.



Fonte: (Arquivo pessoal de OLIVEIRA, O. F., 2015).

Na (figura 11) tem como representação árvores e folhas diversificadas, tem três pessoas sendo duas contando arvores com machado e outro com uma faca, dois animais no canto e no centro ao fundo da imagem um trator puxando um tronco. Esta imagem esta representando a abertura da BR 029.

“Conhecedor da importância da abertura de uma rodovia para integrar a região de Rondônia com as regiões centro-oeste, sudeste e sul do país” (Oliveira, 2012, p. 35). Paulo Nunes Leal (1984) governador do Território Federal de Rondônia, em sua obra o Outro Braço da Cruz, ele relata que carregava consigo um pequeno esboço da ligação terrestre entre Rio Branco, Porto Velho e Cuiabá, antes do ato de decisão Leal ainda mostrou seu pequeno mapa para Dr. Régis Bettencourt, que era diretor do Departamento Nacional de Estradas e Rodagens/ DNER, desencorajando o mesmo, pois o departamento já estava com divida vultosa referente ao asfaltamento da rodovia Belo Horizonte/Brasília.

Leal (1984) não perdeu as esperanças, e de acordo com ele o momento foi uma reunião entre o presidente Juscelino Kubitschek e os governadores do norte que estavam reunidos, antes da reunião ouvem uma recomendação para que os governadores não pedissem nada para seus estados, mais no ato foi diferente. Iniciada a reunião varios governadores falaram sobre diversos problemas em suas regiões.

Teve um momento da reunião que ouve uma pausa, um silencio como se a reunião fosse para o fim. Ae entra Paulo Nunes Leal dizendo: presidente, o senhor já ligou Brasília a Belém e a Porto Alegre, e está ligado a Fortaleza. Por que não completa o outro braço da cruz, construindo a rodovia Brasília-Acre? Leal meio tremulo, ouve um silêncio na hora ae veio o Presidente e pergunta-lhe: uai, Paulo. E pode? E no impulso da emoção e do momento de oportunidade que ele não tinha a perder Leal responde: pode, presidente; mas é negocio pra homem! Dando sorriso o presidente retruca espalmado a mão à mesa e diz: então vai sair. (Leal, 1984).

O Presidente Juscelino Kubitschek aceita o desafio e, ainda, no primeiro semestre de 1960, com a instalação de diversas frentes de trabalho, foi iniciada a abertura da BR-364. Navios com máquinas e equipamentos ancoravam no porto de Porto Velho e aviões pousavam em um campo aberto no cerrado em Vilhena, trazendo máquinas e equipamentos, portanto, uma obra com ritmo acelerado (Oliveira, 2012, p. 35).

Segundo Oliveira (2012) em 1961 o Presidente JK inaugura a abertura da BR-029 (hoje na atualidade BR-364) e em 1966 ela é concluída pelo 5ºBEC/ Batalhão de Engenharia e de Construção.

Figura 12: Imagem 7 do monumento aos pioneiros.



Fonte: (Arquivo pessoal de OLIVEIRA, O. F., 2015).

A (figura 12) tem como representação quatro pessoas sendo um homem cortando algo em uma árvore e a mulher colhendo em outra árvore dois homens atrás trabalhando na terra, animais como boi, pássaros e porcos e um trator ao fundo. Esta imagem está representando o Programa de Integração Nacional.

Este programa que resultou na criação do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária/ INCRA, com finalidade de operacionalizar a organização fundiária e solucionar pacificamente as tensões sociais ao processo de ocupação humana rural/urbana na região do Território Federal de Rondônia (Matias, 2013).

Segundo Matias (2013) o INCRA implantou projetos integrados de colonização, PIC, e projetos de assentamento dirigido, PAD, que passariam a colonização e o assentamento agrário em Rondônia. Porém a quantidade de colonos a procura de terras era grande, assim ocorrendo tensões sociais em muitos locais do território, os migrantes colonos que chegavam a Rondônia passaram a demarcar e a tomar posse dos lotes rurais que, posteriormente, os técnicos do INCRA iam fiscalizar e demarcar o confirmado, na época só eram assentados colonos casados e isso ocasionou muitos casamentos nos anos 1970 (Oliveira, 2012). E também dando origens a vários núcleos e municípios.

Figura 13: Imagem 8 do monumento aos pioneiros.



Fonte: (Arquivo pessoal de OLIVEIRA, O. F., 2015).

Na (figura 13) há representação de uma mulher com duas crianças apontando para o sol, prédios, uma estrada, uma bandeira hasteada um homem com boné e outro de chapéu com uma cuia. Esta imagem representa o Governo de Jorge Teixeira de Oliveira.

De acordo com Hugo (1995) seu lema era: Trabalho, trabalho e trabalho. Jorge Teixeira de Oliveira marcou com uma das paredes deste monumento seu governo como parte da história para nunca ser esquecido até o monumento existir, analisando bem a figura a mulher representa a República apontando para a demarcação geográfica de Rondônia, dando ênfase a criação do estado de Rondônia pelo governo federal.

Em 17 de agosto de 1981, foi encaminhado pelo Presidente da República João Batista Figueiredo ao congresso nacional, o projeto de Lei Complementar nº.221, que foi aprovado em primeira discussão em 16 de dezembro do mesmo ano e já em 22 de dezembro, foi aprovado a Lei Complementar nº. 41 que criava o Estado de Rondônia. A Instalação do Estado deu-se em 4 de janeiro de 1982, sendo nomeado, então, o Coronel Jorge Teixeira como seu primeiro governador (Teixeira; Fonseca, 2001, p.179).

A fachada do palácio do governo e a bandeira de Rondônia Hasteada representando o momento que ele chama o povo de outras localidades para Rondônia.

Venham, brasileiros de todo Brasil, e gentes de todos os povos. Rondônia lhes oferece trabalho, solidariedade e Respeito. Tragam seus sonhos, anseios e ilusões, compartilhem tudo isso com esse povo admirável, assumam com eles os problemas e as dificuldades naturais, na trajetória em busca do grande destino do Brasil (Hugo,1995, p. 113).

A estrada rumo a nuvem e o sol, representando a pavimentação da BR-364, rumo a oeste Rondônia facilitando mais o processo de colonização da região, a Hidrelétrica e os

prédios representam o momento do desenvolvimento que o Estado de Rondônia estava tendo no período do governo de Jorge Teixeira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O monumento aos pioneiros é uma peça muito importante para a história de Rondônia, ao analisarmos percebemos que ele tem muita informação agraciada em seu entorno. E respondendo a minha pergunta de acordo com meu momento de pesquisa por que esse monumento denominado “Monumento aos pioneiros” foi tão importante na época e hoje jaz no esquecimento?

Cheguei a algumas percepções, dentre elas: que este monumento foi importante por um momento festivo por ter sido expressado na mídia na época dos anos de 1980 década de inauguração do mesmo e fez com que a população o conhecesse e se familiarizasse um local de prestígio e lazer que era a praça no trevo de acesso a Porto Velho, ele jaz no esquecimento pelas minhas indagações pelo descaso e o quase extermínio dele no momento da construção dos viadutos no local onde era a praça na qual estava localizado, e hoje na atualidade pela sua realocação no lugar onde está implantado hoje não é um local de prestígio meio longe do centro urbano da cidade e não há divulgação do mesmo fazendo assim que a população em geral com o tempo se esqueça.

REFERÊNCIAS:

- BARROSO, Lourismar da Silva. **Real Forte Príncipe da Beira:** ocupação oeste da Capitania do Mato Grosso e seu processo construtivo (1775–1783). (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2015. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10923/7211> Acesso 18/03/2024.
- BORZACOV, Yêdda Pinheiro. **Porto Velho 100 anos de História 1907-2007.** Porto Velho, 2007.
- CARR, Edward Hallet. **Que é História?** / Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
- CHOAY, Françoise. **Alegoria do Patrimônio**, São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.
- CRUVINEL, Eduardo Henrique de Paula. A trajetória dos monumentos: formação do conceito e valores. IN: **CULTURA HISTÓRICA & PATRIMÔNIO** volume 3, número 2, 2016 ISSN 2316-5014. 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/ACER/Downloads/402-Texto%20do%20artigo-1802-1-10-20160705.pdf> acesso em: 02/09/2023.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002.
- FONSECA, Dante Ribeiro da. **Estudos de História da Amazônia/Volume II**, Porto Velho: Nova Rondoniana, 2016.
- HUGO, Vitor. **Cinquenta anos do Território Federal do Guaporé**, abg gráfica, 1995.
- LE GOOFF, Jacques, 1924 **História e memória** / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.
- LEAL, Paulo Nunes. **O outro Braço da Cruz.** Cia Brasileira de Artes Gráficas, 1984.
- MATIAS, Francisco. **RONDÔNIA-Conhecimento Regional**, Porto Velho, 2013.
- OLIVEIRA, Ovídio Amélio de. **História & Atribuições dos Poderes Executivo, Legislativo, Judiciário e de órgãos Essenciais à justiça do Estado de Rondônia** – Dinâmica Editora e distribuidora Ltda, Porto Velho, 2012.
- PANOFISKY, E. “Iconografia e Iconologia: Uma introdução ao estudo da arte da Renascença”. In: **Significado nas Artes Visuais**. Tradução: Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2ª ed., 1986, p. 47-65.
- PACHECO, Alexandre. O PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA EFMM: ENTRE A “POLÍTICA DO PRECÁRIO”

E O IMPACTO DA NATUREZA (PORTO VELHO, 2007-2017). **Revista Canoa do Tempo**, v. 12, n. 2, p. 59-87, 2020. Disponível em: https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/Canoa_do_Tempo/article/view/8007/6239 Acesso em 18/03/2024.

PINTO, Emanuel Pontes. **Rondônia, evolução histórica**: Criação do Território Federal do Guaporé, fator de interpretação nacional. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1993.

PINTO, Nelson Prado Alves, **Política da Borracha no Brasil**, São Paulo: HUCITEC – Conselho Regional de Economia, 1984.

SILVA, Amizael Gomes da. **Amazônia: Porto Velho**, Porto Velho, Palmares, 1991.

SILVA, Amizael Gomes da. **Da chibata ao inferno**, Porto Velho, EDUFRO, 2001.

TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues & FONSECA, Dante Ribeiro da. **História Regional (Rondônia)**. Porto Velho, Rondoniana, 2001.

FONTES:

ALEX, Alan. **“Monumento dos Pioneiros” que ficava no trevo do roque está jogado no mato**, Painei Político, 28 de outubro de 2014. Disponível em: <https://painelpolitico.com/monumento-dos-pioneiros-que-ficava-no-trevo-do-roque-esta-jogado-no-mato/> Acesso em 18/03/2024.

JORNAL **Alto Madeira** de 11, de setembro 1984 / N°. 15,464

JORNAL eletrônico **RONDONIAGORA**. Funcultural instala “Monumento aos Pioneiros” no espaço alternativo. 20 de outubro de 2015. Disponível em: <https://www.rondoniagora.com/geral/funcultural-instala-34-monumento-aos-pioneiros-34-no-espaco-alternativo> Acesso em 18/03/2024.

SÁ, Jose Carlos. **TREVO DO ROQUE-VESPERA DA DISCORDIA**. Banzeiros, 09 de outubro de 2008.

Disponível em: <https://www.banzeiros.com.br/2008/10/09/trevo-do-roque-vspera-da-discrdia/> Acesso em 18/03/2024.